

MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS SOBREVIVENTES: ONDE ESTÃO AS TRANS EM SOROCABA?

TRANSEXUAL WOMEN AND TRANSVESTITES SURVIVORS: WHERE ARE THE TRANS WOMENS IN SOROCABA?

Thara Wells Corrêa¹

RESUMO

Este artigo pretende trazer à reflexão os apagamentos, os não acessos e as ausências de mulheres transexuais nas instituições sociais, consideradas aqui como: a família, a escola, o trabalho formal e o Estado. A metodologia da pesquisa se dá com a pesquisa bibliográfica e documental, e o método qualitativo, a fim de resgatar, denunciar, reverenciar toda a (re)existência de nossas sujeitas de estudo, visando entender como as mulheres transexuais/travestis, moradoras na cidade de Sorocaba/SP, consideradas “sobreviventes” por manterem-se vivas, acima da expectativa de vida de 35 anos ou mais, compreendem o mundo em que foram inseridas, os desafios enfrentados desde o momento em que formam expulsas do convívio familiar ainda crianças, e são obrigadas a sobreviverem, tendo apenas a marginalização de seus corpos como alternativa. Quais estratégias e como recalculam a rota para continuarem existindo, mesmo quando são consideradas velhas, e seus corpos não são mais considerados dignos de existir? As estatísticas comprovam que o Brasil é o país que mais mata no mundo, mesmo assim, o sistema cisheteronormativo segue com seu astigmatismo social ignorando as suas reivindicações por Direitos, por Educação e oportunidades no mercado de trabalho, e recorrentemente nos faz a mesma pergunta: Onde estão as trans?

Palavras Chaves: Cisnormatividade; Identidade de Gênero; Velhice Trans; Travestis e mulheres transexuais de Sorocaba.

1 Mulher Trans, (Trans)Feminista, (Trans)Ativista, Militante pelos Direitos Humanos, Bacharela em Serviço Social, Mestranda do Programa Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba.; Co-fundadora e Presidenta da Associação de Transgênero de Sorocaba-ATS; Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Sorocaba (2018-2022).
thara.wells@ufscar.estudante.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-2034-552X>.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the erasures, non-access and absences of transsexual women in social institutions, considered here as: family, school, formal work and the State. The research methodology is based on bibliographical and documentary research, and the qualitative method, in order to rescue, denounce, honor all the (re)existence of our study subjects, aiming to understand how transsexual/transvestite women, residents of the city from Sorocaba/SP, considered "survivors" for staying alive, above the life expectancy of 35 years or more, understand the world in which they were inserted, the challenges faced from the moment they were expelled from family life as children, and they are forced to survive, with only the marginalization of their bodies as an alternative. What strategies and how do they recalculate the route to continue existing, even when they are considered old, and their bodies are no longer considered worthy of existing? Statistics prove that Brazil is the country that kills the most in the world, even so, the cisheteronormative system continues with its social astigmatism, ignoring its claims for Rights, for Education and opportunities in the labor market, and repeatedly asks us the same question: Where are the trans women?

Keywords: Cisnormativity; Gender Identity; Trans old age; Transvestites and transgender women from Sorocaba.

INTRODUÇÃO

Realidade...

Que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, ninguém mais duvida. Os dados demonstrados no Dossiê/2022 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais/ANTRA² comprovam que este segue incansável no projeto de marginalização e extermínio das pessoas trans, seguidos da omissão “conveniente” de um Estado (neste momento, considerado por mim, ultraconservador).

Mesmo com o altíssimo índice de assassinatos de pessoas trans, principalmente, de mulheres transexuais e de travestis, as políticas públicas direcionadas a esta população são insuficientes. Lembrando que, as políticas públicas existentes foram criadas em resposta à incansável luta dos movimentos sociais ligados às transgeneridades e travestilidades.

Quando falamos em políticas públicas para as pessoas trans, estamos entendendo toda iniciativa ou programa, criado pelo poder público, que aborde especificamente as dificuldades inerentes às vivências de pessoas trans, com potencial para amenizá-las ou solucioná-las. Temos alguns exemplos dessas políticas públicas que ocorrem no âmbito nacional, estadual ou municipal, sendo que algumas são implementadas em todo o território nacional e outras não: direito à retificação do prenome e gênero nos documentos oficiais, de acordo com o provimento nº 73 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)³, publicado em Junho de

2 Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras de 2021- ANTRA-Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf/>. Acesso em 01. Jun.2022.

3 Provimento n.73, de 28 de junho de 2018, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que regulamenta a

2018, que permite que pessoas transgênero alterem prenome e gênero nos registros civis diretamente no cartório, sem a necessidade de cirurgia transexualizadora ou decisão judicial, assim como o direito a utilização de nome social de acordo com o Decreto 8.727/2016⁴.

A falta de acesso a saúde, garantida pelo protocolo transexualizador desde 2008⁵, seguida pela falta de capacitação de profissionais multidisciplinares, e uma “dose de má vontade” política, dão conta dos inúmeros casos de negligência e invisibilidade em que se encontram essas pessoas. Por falar nisso...

Em 29 de Janeiro de 2023, celebramos o “Dia Nacional da Visibilidade de Transexual e Travestis”⁶. A data surgiu, em 2004, a partir do lançamento da primeira campanha contra a Transfobia no Congresso Nacional, fruto da resistência e luta de ativistas trans. Concomitantemente, aqui na cidade de Sorocaba/SP, nós, travestis/transexuais e profissionais do sexo, reivindicávamos “Respeito e menos Violência contra nossos Corpos”.

Dezenove anos depois, continuamos sendo invisibilizadas pelo sistema cisheteronormativo, o qual ignora nossas existências e nossas reivindicações por Direitos, Educação e oportunidades no mercado de trabalho. Continuamos exigindo respeito as nossas identidades; lutando diariamente para ter garantido nosso direito de usar o **banheiro** de acordo com a nossa identidade de gênero; pelo respeito ao

alteração de nome e gênero no registro civil. Disponível em: <https://www.anoreg.org.br/site/2018/06/29/provimento-no-73-do-cnj-regulamenta-a-alteracao-de-nome-e-sexo-no-registro-civil-2/>. Acesso em: 15. ago. 2021.

4 Decreto Nº 8.727, DE 28 DE Abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm. Acesso. Jan/2023.

5 **Protocolo Transexualizador** – instituído em 2008, sendo redefinido e ampliado em 2013 –, que determina os preceitos para atendimento integral de pessoas trans no Sistema Público de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html Acesso em: Dez.2021.

6 **Janeiro é o Mês da Visibilidade Trans**. Disponível em: <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/janeiro-e-o-mes-da-visibilidade-trans/> Acesso em: Jan.2023.

nosso nome social – ou quando já retificado, contra a visão genitalista da sociedade, que insiste em nos deslegitimar, ancorados nesta ideia arcaica.

Onde estão as outras mulheres trans e travestis?

Estudos realizados pela ANTRA⁷ (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) nos mostram que as mulheres transexuais/travestis são expulsas do convívio familiar em média, aos 13 anos de idade, levando-as a viverem cercadas de muitas formas de violências, tornando-as precocemente adultas/responsáveis por si. Sem acesso à educação, sem apoio familiar, sem oportunidades de emprego formal – uma vez que não evadem, e sim, são expulsas das escolas por serem forçadas a acreditar que ali não é seu lugar, tendo como consequência à falta de capacitação profissional, corroborando com a estatística de que mais de 90% dessas pessoas têm na prostituição como o único meio de sobrevivência.

“Ter na prostituição a única alternativa de renda não é garantia de sobrevivência, nem de renda. Estar em pé em uma esquina toda produzida, não garante o pão na mesa! É preciso desenvolver (rapidamente) “um combo” de outros sentidos e “talentos”, como: um instinto de sobrevivência aguçadíssimo; nervos de aço e não ter medo de nada (nem de morrer); inteligência emocional; astúcia, simpatia, beleza e o carisma da atração/sedução.

(depoimento da autora: Sarah Pedro Corrêa- Nome social: Thara Wells Corrêa).

Tranquilin-Silva (2020), em seu artigo sobre as “Marchas Trans”, ocorridas

⁷ **90% da População Trans no Brasil tem a Prostituição como Fonte de Renda.** Disponível em: <https://edicaodobrasil.com.br/2021/05/28/90-da-populacao-trans-no-brasil-tem-prostituicao-como-fonte-de-renda/> Acesso em Jan.2023.

em Sorocaba, traz a fala da presidenta da Associação Transgênero de Sorocaba – ATS, Thara Wells, entrevistada para o artigo:

Contou-nos Thara que foi expulsa da família ainda muito jovem. Iniciou no mundo trans em 1994, através da ‘porta da prostituição’, pois não teve escolha. ‘Pela condição social naquele momento [...] e com a minha identidade de gênero mais do que aflorada, [era] impossível arrumar outra coisa rapidamente, para viver, se não fosse o caminho da prostituição’ (TRANQUILIN-SILVA, 2020, p. 219).

A jornada como profissional do sexo para uma mulher trans/travesti é curta devido a toda depreciação física e psicológica que orbita neste universo. Após os trinta anos estas pessoas já são consideradas velhas, e não mais desejáveis para os olhares dos clientes que as procuram, sendo obrigadas a disputar o mesmo espaço com as mais novas. Segundo Antunes e Mercadante (2011, p. 122):

“Os dizeres da primeira entrevistada, de início, já destacam o grande impacto que acomete a vida das travestis que envelhecem sustentando-se da prostituição: com a chegada da velhice, os atributos físicos não se permitem manter em primeiro plano, deixando, pois, de ser considerados belos. A seguir, ela destaca a posição das travestis mais velhas diante das demais mais novas, a quem devem servir de espelhos e modelo. É imprescindível que estas últimas conheçam a trajetória das mais velhas e as reconheçam em seu papel; dessa forma, as mais novas podem se dar conta de que, se gozam de alguma liberdade e certo espaço na atualidade, isto se dá graças às mais velhas que “abriram” o caminho à custa de muitas lutas.

Ainda nesta direção, vemos que as pouquíssimas mulheres transexuais e as travestis, que conseguem alcançar a terceira idade, além de solitárias, são esquecidas pelas famílias, pela comunidade LGBTQ+, além de abandonadas pela sociedade e invisibilizadas pelo Estado, que não garante um envelhecer com direitos, respeito e dignidade.

“Revela ainda que travesti mais velha geralmente tende a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse sua função ao envelhecer. Então, acaba desaparecendo de vista. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de “des-transformação”. Outras acabam assumindo tarefas diversas, como as de: costureiras, domésticas, cozinheiras, cabeleireiras, maquiadoras, bombadeiras, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas etc.” (ANTUNES, MERCADANTE, 1011, p. 122).

Nada é garantia de êxito. Depende de como será o olhar da sociedade para estes corpos (siliconados ou não); para estas trabalhadoras, para estas cidadãs.

Enquanto cofundadora e presidenta da Associação de Transgênero de Sorocaba- ATS presenciamos diariamente a extrema vulnerabilidade em que vivem, suas tristezas, lutas, fraquezas, ansiedades, solidão, abandono, e sua fé!

Mas onde estão as Trans?

Enquanto pesquisadora trans, acessando alguns lugares (considerados pela sociedade cisheteronormativa) de privilégio, e colecionado o “primeiro lugar” em muitos deles, frequentemente algumas pessoas cisgênero (aquelas que estão em conformidade com o gênero atribuído ao nascimento, e com toda sua construção social) me questionam: **onde estão as outras “iguais a você”?** Pensem!

Se pararmos pra analisar que, o Brasil, sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo, é um dos países que mais consome pornografias com pessoas trans, segundo a revista *Híbrida*⁸, a partir da publicação do relatório sobre consumo

8 ? Paradoxo do Brasil no Consumo de Pornografia e Assassinato Trans. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>
Acesso em: 15.ags.2021.

de pornografias em 20 países que mais a consomem, publicizado pelo site *RedTube*, “[o] [Brasil](#), que nunca fica de fora dessa lista, demonstrou mais uma vez em 2019 o paradoxo de viver entre o desejo e o ódio em relação às [travestis e transexuais](#)”, uma vez que desde 2016, o Brasil é “o país que mais consome pornografia com pessoas trans [...]”. Desde então, estivemos sempre presentes na lista e permanecemos na liderança de outros sites internacionais como o maior público para esses vídeos. Assim, é emergencial refletir sobre essa relação de fetiche e ódio às pessoas trans, principalmente às mulheres transexuais e às travestis, podendo hipoteticamente dizer, que toda a vida das mulheres transexuais e travestis estão marcadas por esta relação, desde a mais tenra idade, em sua maioria, sempre submetidas a situações de opressões.

É primordial que as vivências/sobrevivências dessas pessoas e suas histórias de vida sejam humanizadas, buscando entender as suas especificidades, além do aprendizado de reconhecer e combater todas as microagressões – introjetadas ou não- na nossa cultura, contra as pessoas transgênero, travestis e transexuais, citando como exemplo, o uso de maquiagens, e outros signos sociais que identifiquem ou que estejam relacionados ao feminino (dentro da construção social do que é “ser mulher”), desconstruindo as falas e as atitudes associadas às mulheres trans e travestis, reforçando o conceito da “transfobia recreativa”⁹, embutidas nas situações como, quando algumas pessoas avistam uma mulher cisgênero, considerada maquiada demais, dizem: “essa mulher está tão maquiada, que parece **“um”** Travesti”; ou quando homens cisgênero saem para brincar no carnaval vestidos com roupas femininas, de maneira caricata, fazendo gestos obscenos, se passando por travestis; ou quando alguém usa a palavra “travestida/o”

9 Entenda de Vez o que é Transfobia Recreativa. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/entenda-de-vez-o-que-e-transfobia-recreativa_a38eb0e7d2eea003487972a7c986df74c7s26k1r.html Acesso em Agosto. 2022.

para apontar uma farsa: “disfarçado de”. Algumas músicas, por mais inocentes que aparentem, reforçam essa visão recreativa das identidades trans na nossa sociedade. Como exemplo, citamos uma faixa cantada por uma dupla sertaneja, de grande sucesso no país, na qual contam a história de um homem “cisgênero” que foi enganado por uma travesti. Em resposta, a ANTRA¹⁰ divulgou uma carta aberta, posicionando-se contra a dupla sertaneja, que após receberem muitos posicionamentos dos movimentos sociais e ativistas da causa repudiando a atitude, a dupla se justificou, por meio das suas redes sociais, cometendo ainda mais deslizes, ignorando as diferenças entre sexualidade (orientação sexual) e identidade de gênero, justificando com a máxima: “temos até amigos gays”.

Mas onde estão as Trans?

Nos anos de 1950, nos Estados Unidos, surgiu um movimento político, reproduzido ao longo da história contemporânea sob diferentes aspectos e com multifaces. Naquela década, emergia das “sombras da ignorância” uma ideia de que a sociedade ocidental da atualidade precisava se organizar para combater um inimigo, do qual não havia provas concretas da existência ou da construção de seus planos maléficos. Um verdadeiro “fantasma” a ser exorcizado. Naquele tempo, o principal fantasma a ser combatido era o comunismo – ou o que cada pessoa entendia por comunismo. Ao longo da história, esse mesmo fantasma vem esculpindo a política e o poder ao redor do mundo, sendo muito presente nos dias atuais. Necessário citar que desde o governo de Dilma Rousseff, o congresso é constituído majoritariamente pelos conservadores:

10 ANTRA. Carta Aberta em resposta a Música LILI, da Dupla Sertaneja Pedro Mota e Henrique. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/associacao-travestis-pede-cancelamento-lili-musica-transfobica-sertanejos/>> Acesso em: 15. ago.2021.

“Castro em ‘O golpe de 2016 e a demonização de gênero’, pontua que, nos governos Dilma Rousseff, o Congresso Nacional organizou uma ofensiva contra as políticas de gênero, em especial com a criação do conceito de ideologia de gênero. Os discursos de orientação machista e homofóbicos se multiplicaram nas casas parlamentares. A partir do apelo à religiosidade do povo, ressalta a autora, estimulou-se o medo e o ódio ao diferente”. (RUBIM, ARGOLO, 2018, p. 15).

A Ideologia de gênero é um termo que foi cunhado pela igreja católica no início dos anos 2000, sendo difundido pelo neopentecostalismo até os dias atuais, compreendendo uma série de distorções feitas com o intuito de desmoralizar ideias, principalmente estudos de gênero e feministas, pulverizando esse medo invisível da vitória dessa ditadura da “ideologia de gênero”, tornando-se um desses exemplos de pensamentos fantasmagóricos (HAN, 2018), propagados pelas mídias digitais, pairando em muitos lares desavisados, corroborando para fortalecimento dessa falácia, alcançando os planos da educação (municipal e estadual) e da temida destruição da família tradicional (em suas formações falidas pelo próprio sistema hétero/cis/normativo), além de ter sido uma ferramenta decisiva para o fortalecimento da extrema Direita no país.

Porque tanto medo das Trans?

Esse pensamento ridículo contribui cada vez mais para a marginalização dessas pessoas, mantendo-as, cada vez mais, à margem dos seus direitos. Em 2018, palco das fake news “das mamadeiras de piroca e dos kits Gays”, foram constatados 420 mortes – por homicídio ou suicídio – de LGBTs¹¹.

Longe da intenção de alimentar mais palavras sobre essa falácia, porém

11 Relatório registra 420 vítimas Fatais de Discriminação contra LGBTs no Brasil em 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/relatorio-registra-420-vitimas-fatais-dediscriminacao-contralgbts-no-brasil-em-2018/>. Acesso em: Agosto.2022.

marcando aqui o repúdio sobre essa estratégia da implantação desse pânico moral que a chamada “ideologia de gênero” acompanha, muitas pesquisas analisaram como a disseminação das “fake news” pôde alcançar tantos lares mais temerosos. Esses discursos de ódio – disfarçados, cinicamente de liberdade de expressão — são um tipo de violência verbal, tendo âncora na “não aceitação do diferente”, configurando assim, um crime que fere a garantia de Direitos dos cidadão/as trans.

Destacamos aqui, um trecho da entrevista ao Le Monde Diplomatique Brasil, do professor de Direito da Universidade de Direito de São Paulo (Unifesp), Renan Quinalha, mostrando como as bandeiras erguidas pelo agora ex-presidente, eleito em 2018, (com mais de 30 anos de carreira política), e suas falas e ideias de retrocessos, colocam as ditas “minorias” na linha de tiro:

“Um dos alvos privilegiados dos ataques verbais de Bolsonaro antes mesmo de ele ser eleito já eram os homossexuais. ‘Ter filho gay é falta de porrada’ e afirmações afins abundam nas intervenções públicas do ex-deputado. São declarações que colocam em xeque, sem nenhum pudor, o direito de existir de um segmento da população, além de respaldar os já alarmantes índices de violência letal contra LGBTs”. (Edição 143- Brasil- Por Renan Quinalha).

Mesmo acreditando que a maioria das pessoas da nossa sociedade sabem que tudo isso é uma falácia, tendo acessos a notícias que provem e comprovem o contrário, ou seja, que o perigo “LGBT social” não existia, os seguidores mais afoitos do “Messias”, seguiram acreditando nessa ameaça, recheada de falsas narrativas que colocavam as pessoas LGBT no lugar de antagonistas da família sagrada brasileira, conforme nos mostram:

“Pesquisa IDEIA¹² Big Data/Avaaz divulgada nesta quinta-feira (1º) revela que 83,7% dos eleitores de Jair Bolsonaro (PSL) acreditaram na informação de que Fernando Haddad (PT) distribuiu o chamado kit gay para crianças em escolas quando era ministro da Educação. No último dia 15, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proibiu Bolsonaro de acusar seu adversário no segundo turno de distribuir material que, segundo ele, estimulava a pedofilia”.

Essas mesmas pessoas que disseminam essas notícias falsas, corroboram com esses pensamentos negativos contra as pessoas LGBTQ+, também posicionam-se contrárias a ideia de que gênero é uma construção social, acreditando piamente que o sexo biológico define tanto o gênero quanto a sexualidade da pessoa, e, conseqüentemente, entendem que a heterossexualidade é o “natural”.

Ademais, lamentavelmente, nosso país tem muita luta para desatolar desse momento triste e lamento da nossa história recente; lembrando que mesmo o estado brasileiro sendo laico, muitos segmentos religiosos, em nome de um Deus e de uma ideia de doutrina, acabam estimulando e construindo uma cultura de violência, de exclusão e de preconceitos contra as pessoas que “ousem pensar, agir, e viver”, ou idealizar o contrário imposto. Tantos retrocessos, não podem, nem devem estar ancorados a um fantasma social, nem ser celeiro de narrativas como “ir para o céu, ou ir para o inferno”, nem mesmo servir de justificativa para legitimar a escolha de um representante, chefe de estado, alinhado em prol da destruição da dignidade e do respeito às pessoas mais vulneráveis. Isso sim deveria ser considerado crime hediondo e inafiançável.

A educação sobre gênero e o respeito à diversidade sexual nas escolas precisa ser uma constante realidade, usados como forma de construir uma sociedade mais justa e igualitária, e não como forma de destruição, marginalização, impedindo acesso e a permanência das pessoas trans.

12 O Presidente do Brasil e a Falácia da Ideologia de Gênero: Disponível em: <https://rncd.org/o-presidente-do-brasil-e-a-falaciosa-ideologia-de-genero/> Acesso em Agosto.2022.

Que todas/os/es possam almejar e ajudar reconstruir um país onde todas as famílias, independente das suas cores e formações, tenham como regra única a garantia do mínimo de dignidade: comida no prato, educação, trabalho e o direito de ter o Direito de sonhar com o Futuro.

A verdade...

Sabe aonde **NÃO** estão as trans?

Começaremos respondendo com a dinâmica criada originalmente pelo Geledés Instituto da Mulher Negra para discutir a existência de toda forma de preconceito racial no Brasil.

Façamos todas/es/os o teste do pescoço, e assim todas as dúvidas sobre a localização exata e "imóvel" das mulheres trans e travestis, serão respondidas. E se mesmo assim, ainda não foi possível localizar, seguiremos orientando a sociedade a girar o pescoço, espiar um pouquinho a realidade fora da sua redoma dos privilégios, esticando o pescoço, dentro da vida nua e crua, e de toda luta por sobrevivência dessas pessoas, que em sua maioria, só enxergam um objeto a ser estudado, alimentando de maneira ultrapassada, as pesquisas sobre "o que é, o que comem, onde habitam, e como se reproduzem". Isso Basta! Somos muito mais que objetos de pesquisas brancas e cisgênero.

Existe uma grande luta, que é renovada diariamente, a cada raiar do sol, para humanizar, respeitar, incluir e garantir a permanência de pessoas trans em todos os espaços sociais.

Não podemos mais ter que voltar "algumas casas" para explicar o óbvio, como, o uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero, ou como o respeito ao uso do nome social, ou a não deslegitimação quando os documentos já estão retificados.

Quando verem apenas uma de nós, antes de perguntarem "**Onde estão as**

trans?”, respire, pense, e faça o teste do pescoço. Olhe, mais olhe mesmo!

Não estamos na infância, por que desde o momento em os corpos trans já são identificados com divergentes da norma da cisgeneridade, e o olhar no espelho diz que algo ali não se encaixa, a falta de acolhimento familiar se torna determinante para entendermos como se constroem as estruturas de poder na sociedade, e a constatação, desde a mais tenra idade de que vivemos e somos inseridas/os/es numa estrutura de poder patriarcal:

“Se o capitalismo neoliberal é contra o estado de bem-estar, apoia-se na lei do mercado, em privatizações e na precariedade do trabalho, o patriarcado é entendido como a supremacia masculina, castradora de desejos e de sexualidades que não se alinham com a heteronormatividade. Apoia-se no poder do macho, do pai, da lei/autoridade, ou seja, em instituições e ideologias que consideram a mulher como objeto de reprodução e não sujeito de desejos e de escolhas próprias; e o gay, o/a transexual, o/a transgênero e a travesti como ‘invertidos’ ou “anomalias” ideias que vêm sendo defendidas pelo fundamentalismo religioso”. (CASTRO, 2018, p.133).

Já passou do momento de combatermos esse binarismo de gênero genitalista, ou seja, que na nossa sociedade são possíveis somente duas configurações de gênero e que mesmo antes do nosso nascimento já pode ser afirmado se seremos homens, se tivermos pênis, ou mulheres, se tivermos vaginas; e que não há outra forma de ser no mundo.

Para Gomes (travesti) (s/a):

“As sociedades contemporâneas, de forma geral, ante às anatomias genitais tradicionalmente entendidas como feminina (vagina) ou masculina (pênis), costumam generalizar suas concepções de mundo com base na crença de que o sexo seja algo universal (todos os seres vivos teriam sexo), binário (macho e fêmea) e globalizante das identidades e dos papéis sociais. Essa crença se mostra falaciosa quando consideradas as vivências de diferentes povos e grupos sociais” (HERDT, 1996) (s/p).

Nesta direção, principalmente as ciências biológicas, aquela que nos diagnostica, se instaurou como uma estratégia desse poder e, assim, somos tentados a acreditar e a reproduzir a ideia de que ser homem ou mulher é o “normal” e que tudo vai na contramão disso é patológico. Dessa forma, entre muitas outras coisas ligadas às questões de sexualidade e do gênero, podemos refletir sobre as identidades de gênero: aquela que é considerada normal, a identidade cisgênero, e aquela considerada patológica, a identidade transgênero.

Creditamos então, a esse poder rude e dominador a normatização e a materialidade do humano, e que ao mesmo tempo, desumaniza os corpos trans.

E se mesmo assim, após todo exposto acima, e o teste do pescoço, ainda não for possível identificar a nossa presença na infância, nas escolas, acessando os Hospitais e as Unidades Básicas de Saúde, nos cursos profissionalizantes, no Mercado Formal de trabalho, nos shoppings, nos espaços públicos, nas universidades, nos Mestrados e Doutorados produzindo conteúdo, sinto em lhes dizer:

Nada saiu do lugar, e a maioria de nós, ainda continua lutando para sair dessa caverna de preconceitos, exclusão, silenciamentos, esquecimentos, invisibilidades opressões, e muita, muita solidão. Afinal:

Onde estão as Trans?

Por Thara Wells.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais/ Dossiê da Violência contra a População Trans. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>> Acesso: 11.abr. 2021.

ANTUNES, P. P. S., MERCADANTE, E. F. *Travestis, envelhecimento e velhice*. In: Revista Kairós Gerontologia, 14(5), 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902/7356>. Acesso em: 10. ago. 2021.

CASTRO, G. M. *O golpe de 2016 e a demonização de gênero*, In: O Golpe na perspectiva de Gênero. Orgs: *R u b i m , L., A r g o l o , F., UFBA, 2018.*

CAZARRÉ, M. *Transexuais: descobertas sobre gênero e identidade começa na infância*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/transexuais-descoberta-sobre-genero-e-identidade-comeca-na-infancia>> Acesso em: 14. abr. 2021.

CLAM (Centro Latino-americano em sexualidade e direitos humanos). *Princípios de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero*. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf>.

Acesso: 19. abr.. 2021.

MARTINS, M; H. SILVA, M. A. *Serviço social e a População Trans*. CRESS- Conselho Regional do Serviço Social.. Disponível em: <<http://www.cress-es.org.br/servico-social-e-populacao-trans/>> Acesso: 23. abr. 2021.

GOMES, J. de J. *Feminismos contemporâneos Interseccionalidade 2.0: uma contextualização a partir do pensamento transfeminista*. In: Rebeh, v.1. n. 01, 2018. Disponível em:

<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/87/48> . Acesso em 06. Ago. 2021. HIBRIDA. *Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo [e de assassinatos]*. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 10. jun.2021.

JUSTO, G. *Pelo 12º Ano Consecutivo o Brasil é o País que mais Mata Transexuais no Mundo*. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>> Acesso: 17.abr. 2021.

MAPA DOS ASSASSINATOS 2019.
Disponível em:
https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1FzwwzQghwym_DzFydXGj6onWYfFky1_NKy&ll=-9.765147591767388%2C-52.260645753125004&z=3.

Acesso em Julho. 2021.

NIEDERAUER, M, MARINHO, G, BERNARDES, A. *Incansáveis: Mulheres trans precisam lutar pelo direito à cidadania*. Correio Brasiliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/10/4884369--incansaveis-mulheres-trans-precisam-lutar-pelo-direito-a-cidadania.html>. Acesso em: 14. jul. 2021

PINHEIRO, C. *Crianças trans: especialistas falam sobre a disforia de gênero*. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/desenvolvimento-infantil/criancas-trans-disforia-genero-infancia/>. Acesso em: 10.mai.2021.

REZENDE, M. de O. *Desigualdade de Gênero*. Disponível em: <<http://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>.> Acesso em: 13. mai. 2021

RUBIM, L. ARGOLO, F. *Precisamos falar de gênero* (Introdução). In: O Golpe na perspectiva de Gênero. Orgs: R u b i m , L., A r g o l o , F., UFBA, 2018

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Disforia de gênero*. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/19706c-GP_-_Disforia_de_Genero.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

TEIXEIRA, F. *Vida em Luta: o envelhecer de mulheres Trans e travestis*. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/uma-vida-em-luta-o-envelhecer-de-mulheres-trans-e-travestis-1.2307320>. Acesso em: Agosto. 2021

TRANQUILIN-SILVA, J. de F. *Corpos e belezas trans invadem a cidade: brechas desejanter de corpografias*. *R@U/ Revista de @ntropologia*, 12 (2), jul./dez. 2020.v. viviane. (Viviane Vergueiro Shimakawa). 2015. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de mestrado. PMPGCS, UFBA.

VEIGA, E. *O que faz o Brasil ser líder em violência contra pessoas trans*. Site Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/01/o-que-faz-o-brasil-ser-lider-em-violencia-contr-pessoas-trans>. Acesso: 01.jul. 2022.

Ideologia de Gênero e Questão de Gênero. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/> Acesso em: julh.2022.

Gênero: conceitos, visão científica e desafios para a população trans. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2015/11/05/G%C3%AAnero-conceitos-vis%C3%A3o-cient%C3%ADfica-e-desafios-para-a-popula%C3%A7%C3%A3o-trans/> Acesso em: julho.2022.

O que é Violência de Gênero e como ela se Manifesta. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-de-genero-2/> Acesso em julh.2022.

O “Mito da Ideologia de Gênero” no discurso da Extrema Direita Brasileira. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/> Acesso em: julh.2022.

Os Princípios de Yogiakarta. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf/ Acesso em Julho.2022.

O Presidente do Brasil e a Falácia da Ideologia de Gênero: Disponível em:

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60863>



<https://rncd.org/o-presidente-do-brasil-e-a-falaciosa-ideologia-de-genero/> Acesso em Ags.2022.

[Bolsonaro diz que família é 'sagrada' e insinua que LGBTQIA+ vão para o inferno \(correiobrasiliense.com.br\)](https://correiobrasiliense.com.br)

Os Direitos LGBT sob o governo de Bolsonaro. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/os-direitos-lgbt-sob-o-governo-de-bolsonaro/> Acesso em: Ags.2022.

A Identidade Cultural na Pós- Modernidade. Disponível em: [Hall_S_identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf/](#) Acesso em: Ags.2022.

No Exame - Perspectivas no Digital. BYUNG CHUL HAN. Disponível em: [NO ENXAME - BYUNG CHUL HAN.pdf/](#) Acesso em: Ags.2022.

Semântica de Discurso - Uma Crítica a Afirmação do Óbvio. Michel Pêucheux. Disponível em: [PECHEUX_semantica_discurso.pdf.](#) Acesso em: Ags.2002.

Crime, Ódio, a Narrativa e os Fatos. Disponível em: <https://folhadolitoralcostaverde.com/ Crimes-de-odio-a-narrativa-e-os-fatos/> Acesso em: Ags. 2022.